

O CALOR DA ARTE NA CULTURA DO FRIO

Representações artísticas e culturais em prol diversidade de gênero em Satolep

THE HEAT OF ART IN THE CULTURE OF THE COLD
Artistic and cultural representations for gender diversity in Satolep

*Estevan de Bacco Bilheri¹, Cristhian Moreira Brum²,
Tarcísio Dorn de Oliveira³ e Helena Copetti Callai⁴*

Resumo

A relação das cidades com o gênero ainda é frágil, pois ainda é dominada pelos padrões sociais. O que dificulta sua apropriação pelos dissidentes de gênero, impedindo a criação de vínculos de pertencimento: elemento fundamental para o desenvolvimento humano. Em contrapartida a dominância, existe o movimento da cultura alternativa utilizado pelas minorias sociais para equilibrar o direito à cidade. Mas como estas manifestações se comportam na cultura do frio? Este artigo visa compreender como a produção artística das minorias de gênero interferem na urbe. Para o desenvolvimento foi utilizado a revisão bibliográfica, além do estudo das produções artísticas dos dissidentes em Satolep. Os resultados obtidos, revelam que a produção artística interfere positivamente no desenvolvimento da cidade, além de contribuir para a constituição de vínculos com o Poder Público. A arte e a cultura acendem a fagulha do calor dentro da cultura do frio, lançando um futuro promissor para os dissidentes.

Palavras-chave: cidades, gênero, cultura do frio, Satolep, cultura alternativa.

Abstract

The relationship between cities and gender is still fragile, as it's still dominated by social networks. This hinders their appropriation by gender dissidents, preventing the creation of bonds of belonging: a fundamental element for human development. On the other hand, dominance exists in the movement of alternative culture, used by social minorities to balance the right to the city. But how do these manifestations behave in the culture of cold? This article aims to understand how the artistic production of gender minorities interferes in the city. For the development, the literature review was used, in addition the study of artistic productions of dissidents in Satolep. The results obtained reveal that artistic production positively interferes in the development of the city, besides contributing to constitution of links with the Public Power. Art and culture ignite the spark of heat within the culture of the cold, casting a promising future for dissidents.

Keywords: cities, gender, culture of the cold, Satolep, alternative culture.

¹ Arquiteto e Urbanista pela Universidade de Passo Fundo (UPF), mestrando em Arquitetura e Urbanismo na linha de Percepção do Ambiente pelo Usuário pelo Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

² Pós- Doutor em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Mestre em Engenharia Civil e Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

³ Pós- Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Mestre em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria.

⁴ Pós- Doutora pela Universidade Autônoma de Madrid. Doutora e Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo. Licenciada e Bacharel em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí.

Introdução

A relação entre gênero e a cidade ainda é um tabu urbano, pois a apropriação dos dissidentes não é plena logo que as cidades ainda são hostis para as mulheres, LGBTQIA+ e outras minorias. (encontrar conjugação) pela perpetuação de padrões impostos culturalmente favorecendo a dominância do homem heterossexual dentro da sociedade resultando no patriarcado. Este fator impede que os destoantes criem vínculo de pertencimento com a urbe, entretanto como veículo para romper a dominação culturalmente imposta o movimento da arte e cultura alternativa é utilizado pelas minorias.

Pois, a arte permite e facilita a promoção humana ao se dedicar aos elementos simbólicos ao sentimento e à dimensão estética da vida, sendo ela uma forma de expressão e comunicação essencial para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Uma das suas formas de representação é a arte nas paredes como: os desenhos e escritas, utilizados nas culturas ancestrais para a comunicação e retratavam temas cotidianos como: a caça, rituais religiosos e a vida silvestre. No presente estas representações são conhecidas popularmente como grafite e estão presentes em todas as cidades.

O grafite “é aquele bastão fininho que tem dentro do lápis que para escrever. Mas graffiti também é escrita. Escrita nas paredes da cidade. É cor, linguagem, textura, arte, intervenção, protesto e provocação” (MARTINS, 2014, n.p). Sendo ela uma forma de alterar a paisagem, mesmo com caráter efêmero são capazes de marcar o tempo e espaço, concedendo voz a quem precisa falar.

Além do grafite existem os lambes-lambes⁶ com inúmeras formas de representação, incluindo os que unem as técnicas do crochê. O que remonta a lembrança da infância na casa da avó onde ela costurava blusões aconchegantes para enfrentar o frio, esta memória proporciona um ar de nostalgia para os mares em tons de cinza que são as cidades.

Com um ar ainda mais efêmero, mas com o mesmo impacto em reter a atenção do cidadão são as representações culturais, como: as paradas, teatros ao ar livre e as manifestações populares, elementos com o poder da comunicação direta entre o público e o apresentador. Além de modificar a urbe por um curto período causando pequenas rupturas e modificações por onde repercutem.

Estas representações por conceder o poder de fala principalmente quando se trata da arte alternativa e a cultura ativista, representações que visam quebrar a dominância urbana. As minorias de gênero e sexualidade se apropriaram desta cultura como meio de comunicação, almejando alcançar seu lugar dentro das cidades e da vida social.

Mas como estas representações artísticas se comportam em uma cultura do frio. Neste artigo, o convidamos para uma viagem para o extremo sul do Brasil, região conhecida pela sua cultura tradicionalista e seu povo sempre acompanhado pelo chimarrão em uma roda de conversa. Além do frio que o acompanha no cotidiano até mesmo em sua estética (RAMIL, 2009). O objetivo deste artigo é compreender como a produção artística dos dissidentes de gênero interferem no desenvolvimento da cidade e concedem a palavra e o direito de fala aos sujeitos invisíveis.

⁵ Sigla que representa a comunidade Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero e Travesti, Queer, Intersexual e Assexual.

⁶ Técnica parecida com o grafite, uma vertente da arte de rua que se utiliza de colagens para produzir intervenções na paisagem urbana. Os temas retratados são variados como: uma informação, protesto, apenas um convite e a divulgação da arte.

A pesquisa tem o caráter qualitativo, para seu desenvolvimento foi executado uma revisão bibliográfica com o objetivo de agregar embasamento teórico sobre o tema. Para além, foram selecionadas representações artísticas sendo elas: lambes-lambes, grafites e paradas, produzidas por grupos minoritários dentro de uma cidade localizada no sul do país.

A cidade e o gênero

As cidades, espaços que envolvem o imaginário de quem se arrisca em entrar na sua trama lúdica e concreta. Ela está em constante construção e desconstrução de si, sendo cenário e protagonista da vida dos cidadãos. A produção deste espetáculo chamado cidade é o fruto da imaginação humana (ROLNIK, 1995) e cada habitante tem em seu imaginário uma cidade diferente como conta Calvino (1990). As cidades são fruto do pensamento humano em sua constante busca por criar raízes.

Nesta obra em constante produção a vida flui produzindo histórias individuais e coletivas, relações amistosas e conflituosas marcando o percurso destas coletâneas vividas. A cidade necessita ser palco e plateia das produções, entretanto se torna personagem ativo interferindo de forma direta nas histórias. O faz através de leis e configurações que determinam o funcionamento social, tais parâmetros são impostos por uma ordem distante regida por grandes instituições colocadas em um nível superior (LEFEBVRE, 2005). As regulações determinadas são seletivas e reproduzem padrões sociais hegemônicos causando segregação.

Os grupos segregados são nomeados de minorias sociais, sendo a característica principal a inferioridade. Eles são marcados por características introduzidas em seu cerne como a vulnerabilidade, identidade *in statu nascendi*⁷ e a luta contra hegemônica. Além de, adotar estratégias discursivas como protestos e manifestações artísticas (SODRÉ, 2005). Tais características são consequência do poder hegemônico, que além de tudo reprime as pessoas que destoam dos padrões de gênero afetando a vivência na urbe.

A relação das cidades com as diferenças de gênero é limitante, pois a identidade sexual e de gênero são reprimidas pelos padrões heteronormativos. Pois os padrões culturalmente construídos ser homem/heterossexual é ser sujeito, limitando os demais gêneros/sexualidade ao papel do outro, subordinado a ação (BUTLER, 2021). Esta falsa superioridade de ser o sujeito é produzida por um sistema de classificação, processo que expressa hierarquia e desigualdade (SIMÕES, FRANÇA, MACEDO, 2010). Produzindo a sensação de insegurança, medo e o não pertencimento, fatores que atingem os grupos dissidentes de gênero.

Em um relato sobre a vivência LBTQIA+ na urbe é contada a história de um homem cisgênero gay que experimentou as nuances do preconceito de forma precoce, na escola. Logo o desprezo avançou para outros campos de sua vida, como: no prédio onde residia, no transporte público e nas ruas. Estes preconceitos sofridos forjaram uma armadura o blindando do sofrimento. Entretanto esta armadura o tornou uma pessoa introspectiva, afetando a maneira como vivência a urbe, pois, para ele não há lugar aonde se sente seguro e aceito. Portanto sua experiência nos espaços urbanos não é plena (MOREIRA, 2017).

⁷ *In statu nascendi*, significa a condição de um grupo em formação que se nutre da força e ânimo dos estados nascentes. Mesmo quando sua existência se encontra estruturada, as minorias vivem neste recomeço eterno (SODRÉ, 2005).

Vislumbrando outra relação entre a cidade e o gênero as mulheres são as principais vítimas de opressão, sendo a principal forma de autoritarismo a designação do espaço público como masculino, enquanto a mulher fica resignada ao ambiente residencial. Esta relação está ligada à falsa dominação de gênero culturalmente construída, aonde o homem é responsável pela função social e a mulher cuidar da família. Além disso é imposta a condição de vulnerabilidade às mulheres enquanto usufruem dos espaços públicos, esta condição ocorre principalmente quando se encontram desacompanhadas de um homem (RUIZ, 2017).

Além disso, há o apagamento da sexualidade feminina o que ocasiona pressão para que elas se curvem a heterossexualidade, pois apenas assim ao lado de um homem conseguem proteção e segurança contra o ataque de outro homem. Nas demonstrações de afeto entre mulheres na urbe constantes são os questionamentos sobre a veracidade de sua sexualidade, impondo assim a elas a repressão da demonstração de sentimentos em público as impedindo de usufruir da cidade de forma plena.

Por ser a cidade uma produção humana ela é historicamente situada e a dominação de gênero é uma marca ainda presente dificultando que os dominantes respeitem as diferenças, impedindo o direito à cidade. Entretanto, o direito a urbe não pode ser o retorno às cidades antigas (LEFEBVRE, 2001), mas sim o direito pela vida urbana, desfrutando de todos os espaços de forma plena. Entretanto, este direito não abrange a totalidade da população, quando a questão de gênero é abordada nas cidades o principal enfoque é o conceito de sexo como destino para o gênero excluindo os múltiplos gêneros e caindo em um binário (BUTLER, 2021), os dissidentes do padrão culminam no esquecimento e exclusão social. Este ato é refletido nas cidades, aonde pessoas transgêneros e queer são invisibilizadas, pois os espaços como banheiros, vestiários e outros espaços que produzem a distinção binária e esquecem da diversidade (MARIN, et al, 2017). Além desta exclusão a população transgênero sofre com a marginalização e sexualização dos seus corpos. Os crimes contra essas pessoas são brutais e as impedindo de usufruir da urbe.

Porém, a cidade aos poucos apresenta mudanças de forma lenta impulsionada pelas lutas dos movimentos de gênero por direitos e visibilidade conquistando caminhos e rompendo barreiras dentro da urbe. Entretanto, a cidade ainda é hostil para os destoantes impondo a condição da camuflagem, ou seja, obrigando a pessoa adquirir estratégias consideradas normais no padrão heteronormativo como: adotar padrões de vestimenta, alterar a voz e outras alterações físicas e comportamentais (VIANNA, COPPIETERS, 2007). Sendo assim, evitando o alvo da intolerância colocado em cada pessoa que subverte os padrões hegemônicos de gênero.

A arte como voz ativa na cidade queer

Em contrapartida a ordem distante que busca a regulação hegemônica das cidades, tem as relações de ordem próxima caracterizada por vínculos de indivíduos em coletivos, além disso há as imediatices, vínculos diretos entre pessoas como as famílias e amigos (LEFEBVRE, 2005). Estes enclaves entre as ordens criadas dentro das cidades é uma busca pela equidade de modo que a minoria consiga se sentir pertencente aos espaços da urbe.

Um exemplo desta relação de ordem próxima é a cultura alternativa, sendo o significado da palavra alternativa é outro, ou seja, outra possibilidade. Esta é a cultura que abre novas possibilidades buscando empoderamento e tem em seu cerne a crítica ao sistema capitalista sendo seu foco denunciar a opressão e a desumanização imposta por ele (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 2011; CARMO, et.al., 2014).

Figura 1 - Grafite contra o feminicídio, no Bairro de San Lorenzo. Fonte: MENDONÇA, 2020.



Apenas no século XX que a crítica e a política da criatividade ganharam seu espaço dentro da vanguarda modernista, quando a figura do artista e o cidadão político se fundiram conformando uma recusa ao produto do burguês austero. Na metade do século alguns artistas e intelectuais proporcionaram o seu significado teórico completo, porém o valor desta crítica é medido a forma que se distancia do sistema capital, ou seja, do comércio. A arte deve ser liberta do seu valor comercial, portanto ela deve estar deslocada do empreendimento assim rompendo com a realidade opressiva (CARMO, et.al., 2014).

A cultura alternativa nasceu da nova perspectiva política se afastando do autoritarismo, sendo ela um produto do encontro entre o novo movimento de esquerda e os movimentos como o teatro vivo. Neste desenvolvimento político, vários pequenos movimentos foram organizados lutando por uma diversidade de causas como: o movimento de libertação das mulheres e movimentos antirracistas (LANZA, et.al, 2013; CARMO, et.al, 2014). Outros movimentos minoritários como o movimento LGBTQIA+ que estavam em fase inicial também aderiam a cultura de modo a fortalecer o movimento.

Com o mesmo viés se encontra a arte e cultura ativista seu primeiro momento foi na década de 60 com as manifestações contra a Guerra do Vietnã. Que mobilizou movimentos estudantis e culturais pela luta por direitos civis. O segundo impulsionador do movimento começou na década de 90 com o desenvolvimento tecnológico que com a ampliação dos meios de comunicação em massa permitiu maior contato. Se constituindo como um suporte para ampliar o potencial de alastrar a ação dos artistas ativistas, pois o espaço e tempo foram reduzidos propiciando aproximações instantâneas (CHAIA, 2007).

O ativismo cultural tem a tendência da anti-arte, pois tende a eliminar o objeto artístico em prol da intervenção social nesta produção os sujeitos concebem conceitos e práticas com base em uma consciência crítica. O movimento é marcado por métodos colaborativos e pela disseminação dos resultados como: os protestos que proliferam imagens e discursos a respeito dos temas em debate, os introduzindo a experiência social. Não se contendo nas barreiras das políticas e aproximando da vida cotidiana (CHAIA, 2007; GIOVANNI, 2015). Neste sentido, sua aproximação com o público é instantânea além de ter impacto nas mídias de comunicação.



Figura 2 - Grafite homenagem para Marielle Franco. Fonte: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,ex-deputados-sao-ouvidos-em-inquerito-sobre-morte-de-marielle-franco,70003062748>

Ligações proporcionadas porque o ativista está no interior de uma relação social com o propósito de luta e reconhece a existência de conflitos a serem enfrentados de forma imediata. Contudo, é necessário no ativismo o reconhecimento do outro e os fatores que produzem o contemporâneo, neste reconhecimento do outro a produção do movimento é concebida no espaço público (CHAIA, 2007). Convidando os cidadãos a se engajarem no ato, portanto deslocando a cultura dos espaços elitistas e a produzindo e reproduzindo para os habitantes que vivem o cotidiano das cidades com os seus problemas e dilemas.

As duas maneiras de expressão artística são ligadas pelo elo da crítica ao sistema contemporâneo e capitalista. Os movimentos são atos políticos contra a cultura hegemônica produzida nas cidades (CARMO, et.al, 2014; GIOVANNI, 2015). Sendo eles responsáveis pela produção da cidade artística e crítica na busca pelo direito à cidade através de expressões marcadas no espaço e tempo da cidade.

Nestas produções artísticas que provêm voz aqueles que necessitam serem ouvidos, o grafite é o modo mais disseminado dentro da urbe estampando os anseios daqueles que o produzem. Por ser um meio de comunicação versátil, pois contém a fala escrita em forma de arte expressas em muros, mas não na definição literal da palavra. O pensamento aqui evocado é que os muros são todas as superfícies da cidade física (MENDONÇA, 2020), tornando ela uma grande tela em branco.

Uma das suas principais características do grafite é ser efêmero, pois está em constante modificação e aberto a novos grafismos. Além das ações climáticas e as modificações urbanas que interferem em sua permanência, mas ele é simultaneamente um elemento repetível e transmissível por meio das mídias digitais (MENDONÇA, 2020). Sendo assim, seu discurso não se limita à cidade construída e passa a ocupar o mundo digital.

Ele constitui nas relações dialógicas sendo uma forma de verbo visual (traçado e imagem) como também a materialização do discurso do seu autor. Com o pensamento na dialogia a arte da grafia inscrita na cidade é resultado da interação social, sendo os elementos compositivos deste diálogo o autor, a pessoa que o lê na cena cidadã e a mensagem expressa pela arte (MENDONÇA, 2020). Nesta relação, o discurso contém inúmeras interpretações o tornando uma arte interativa e convidativa.

Figura 3 - Intervenção cultural TransVIVA – parem de nos matar. Fonte: MACEDO, 2017.



Na produção interativa do grafite a temática gênero está distribuída em diferentes espaços urbanos (figura 1), demonstrando sua reprodutividade e circulação proporcionando a implementação de microterritórios na cidade. Ele interfere nos espaços alterando valores e poderes estabelecendo novos significados à trama urbana por meio da voz artística dos grupos minoritários (MENDONÇA, 2020; OLIVEIRA, 2015).

Na América Latina o uso do grafite para expressão obteve seu reconhecimento na década de 70, pois foi um mecanismo de representatividade contra os regimes ditatoriais instaurados. Este ato começou com o movimento feminista que visava transformar as relações sociais e culturais em prol das minorias de gênero (OLIVEIRA, 2015). No Brasil o grafite de gênero está disseminado em todo o território, retratando fatos e protestos contra as brutalidades que acometem os dissidentes de gênero, como retrata o lambe-lambe (figura 2) na escadaria entre as vias Cardeal Arcoverde e a Cristiano Viana, no Bairro Pinheiro, SP. O local é conhecido como um ponto de grafite com diversas intervenções durante os anos, no ano de 2018 foi colado o lambe-lambe em homenagem a Marielle Franco⁸, assassinada no mesmo ano. Ao lado da imagem estão escritas frases e mensagens de protesto, além da pergunta quem matou Marielle um pedido de justiça pelo assassinato da deputada.

Além das representações gráficas os movimentos culturais são outra ferramenta utilizada para protestar, pois é uma forma de expressão que proporciona o contato direto entre o autor e o público. Esta comunicação direta propicia um vínculo que permite a exposição de temas e debates significativos de forma atrativa, além de contar com uma construção coletiva e uma dissipação por massas. Como são os casos das Paradas do Orgulho LGBTQIA + e outros movimentos culturais.

Um movimento relevante a ser citado é o Loucas de Pedras Lilás, fundado em 1989 no Recife o grupo surgiu da necessidade das militantes feministas em criar uma imagem forte e bem humorada, de modo a debater temas e demandas do movimento. O grupo

⁸ Marielle Franco era mulher negra e parte da comunidade LGBTQIA +. Formada em Sociologias e Mestra em Administração Pública, foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro nos anos de 2017 a 2020. Era conhecida por ser ativista pelos direitos humanos, trabalhou em organizações como a Brasil Foundation e Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Além de coordenar a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e desenvolvia diversos coletivos feministas, negro e de favelas. Foi assassinada no ano de 2018 a tiros junto com o seu motorista, na região central do Rio de Janeiro.



Figura 4 - Primeira Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 1997. Fonte: https://brasil.elepaís.com.br/2017/06/14/album/1497452267_727156.html#foto_gal_1

se utiliza apresentações teatrais, apresentadas nas vias da cidade como uma forma de propiciar a desconstrução de gênero através de uma interação humorada com o público (OLIVEIRA, 2015).

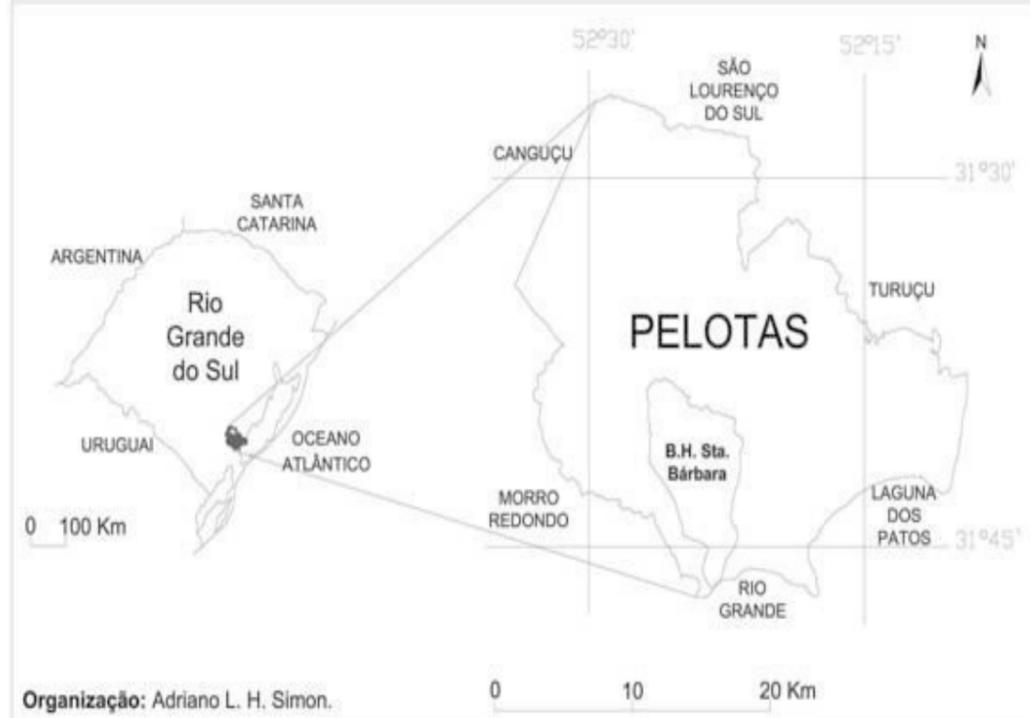
Em uma apresentação intitulada Mamy Blue que circulou em cinco cidades do Recife debatia sobre a alta mortalidade feminina na região. O grupo utilizou adereços para representar a data de nascimento das crianças, pois o tema debatido na apresentação era a falta de iniciativa pública no combate à alta mortalidade materna. Além das peças o grupo conta com produção áudio visual tratando de temática diversificada como a legalização do aborto (OLIVEIRA, 2015).

Seguindo nas intervenções culturais, mas voltadas para o enfoque da comunidade Transgênero e Travesti. O movimento #transVIVA realizou uma performance em São Paulo, intitulada transVIVA - parem de nos matar sendo ele um manifesto contra a violência sofrida pelo corpo trans. A manifestação visava debater temas como os crimes de ódio, a desumanização e a negação de direitos para esta comunidade. As ações foram realizadas na rua, na praça, em frente a uma igreja e no transporte público (MACEDO, 2017).

O ato era uma representação literal e poética sobre a violência sofrida por pessoas T, a autora do ato gravava nomes de pessoas vítimas do preconceito no chão (figura 3). Além de escrever em seu corpo o título do movimento e no chão frases que compunham um grande painel com a frase parem de nos matar. Durante o ato outra participante a apedrejava, as pedras representavam as inúmeras formas de agressão (MACEDO, 2017).

As reivindicações da população Trans/Travesti ocorrem dentro da própria comunidade LGBTQIA, pois ocorre o processo de interseccionalidade dentro deste grupo distinto. Entretanto, a união da comunidade acontece por compartilhar o mesmo objetivo e lutas. Neste sentido a forma para a reunião desta pluralidade de pessoas é a Parada do Orgulho LGBTQIA + sendo ela um ato de protesto e orgulho. As primeiras paradas aconteceram nos Estados Unidos da América após o episódio ocorrido no Bar StoneWall Inn no ano de 1969, desde então ela foi disseminada pelo globo acontecendo nas mais diversificadas cidades.

Figura 5 - Localização geográfica da cidade de Satolep.
Fonte: SIMON, TRETIN, CUNHA, 2010.



No Brasil a primeira parada aconteceu em 1997 (figura 4), cerca de 2 mil pessoas se reuniram no dia 28 de junho na cidade de São Paulo para marchar da Av. Paulista até a Praça Roosevelt, protestando contra a discriminação e violência sofrida pela comunidade. Ela foi puxada por uma Kombi com caixa de som que gritava a frase: “Somos muitos e estamos em todas as profissões” (APOGLBT, [s.d]). Protestando contra a falta de empregabilidade e visibilidade de pessoas do acrônimo no mercado de trabalho.

Desde então a parada trata de temas emergentes pensando na proteção e lutas por direitos da população pertencente ao acrônimo, como no ano de 2018 ela utilizou da temática: Poder para LGBTQIA +, Nosso voto, Nossa voz. O tema foi explorado para conscientizar a população sobre a importância do voto em candidatos que lutam pela causa.

Diante das restrições impostas pela pandemia do vírus Sars- Cov-2 (Covid 19) nos anos de 2020 e 2021 a Parada do Orgulho LGBTQIA + foi realizada de forma online. Entretanto, a sua abrangência foi maior atingindo um público de 11 milhões de visualizações no YouTube. O tema abordado em 2021 foi a HIV/Aids: Ame+, Cuide+ e Viva, retratando os estigmas impostos às pessoas soropositivas, ela visava conscientizar a população com o objetivo de quebrar tabus e preconceitos.

As inúmeras representações da arte alternativa são utilizadas pelas minorias para expressar sua voz e lutas. Porque a produção da arte nas ruas e muros das cidades é o local onde eles podem ser ouvidos, porque nenhum outro lugar ouve a voz daqueles que clamam (MACEDO, 2017). Mas, se volta o pensamento para a produção da arte alternativa como voz ativa na estética do frio (RAMIL, 2009) e como essa produção repercute no frio, na produção do calor.

A cidade do frio Satolep

Ao percorrer o mapa do Brasil em direção ao sul é possível mirar em seu extremo o Rio Grande do Sul reconhecido pelos seus campos agrícolas, a cultura típica gaúcha e o clima frio. O frio inclusive é reconhecido nacionalmente como uma marca para o estado, ele oportuniza as características culturais, os hábitos e o movimento da economia. Por estar ambientado na paisagem marca a caracterização do Sul e o distingue das outras regiões do país (RAMIL, 2009), ele “simboliza o Rio Grande do Sul e é simbolizado por ele” (RAMIL, p.14, 2009).

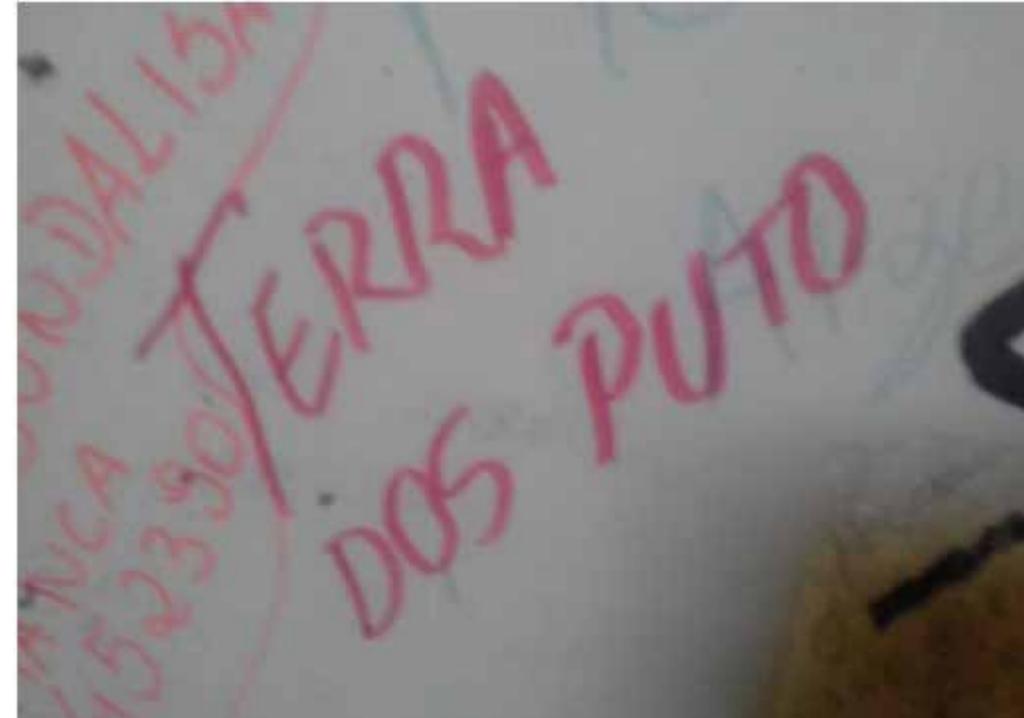


Figura 6 - Grafite no banheiro da estação rodoviária de Pelotas. Fonte: RODRIGUES, 2018.

Mas o frio não é apenas característica meteorológica, ele está intrínseco no gaúcho visto como valente, machista e bravateiro, com um estilo característico de vestimenta e acompanhado por um cavalo e chimarrão sempre à mão. Carregando os conceitos culturais perpetuados a cultura gaúcha é fria e conservadora. Entretanto com uma visão diferente da escrita em A Estética do Frio (RAMIL, 2009), aqui o conceito abordado é do frio do preconceito e preceitos criados por características que expressam o gaúcho heróico, branco e elitizado de 1920 (ZALLA, NECCHI, 2016).

A criação do sujeito heróico gaúcho dispõe os demais gêneros na condição do outro conceito explorado por Butler (2021), pois a prenda⁹ nesta produção fica resignada como frágil, recatada e o seu lugar é o privado. As demais sexualidades e gênero que se aproxime do feminino, ou destoe do padrão são inferiorizadas. Portanto a homossexualidade é constantemente banida, pois a figura do gaúcho viril e guerreiro está em constante observação (ZALLA, NECCHI, 2016).

Esta constante vigia cria regras passadas entre gerações concretizando uma cultura fria para os destoantes. Tal ação perpetua a figura do “homem” sem fragilidades, sem emoções e dono do seu destino, designando a mulher como frágil, doce e que necessita da figura masculina. Modelo binário que ainda é perpetuado na sociedade, entretanto constantemente contestado pelas minorias que rompem a caixa do padrão.

Contudo, há uma dualidade que precisa ser estudada dentro da cultura do frio, existe uma cidade que carrega um título contraditório a “Cidade Gay”, mas onde está localizado esta cidade que parece acolhedor a diversidade. Convidamos a percorrer o mapa do Rio Grande do Sul, seguindo a BR-116 em direção ao sul em seu extremo às margens da Lagoa dos Patos se encontra Satolep¹⁰ (figura 5), ou, conhecida como à terra do doce.

Fecha os olhos
Deixa eu te levar
A neblina já desceu

9 Mulheres que representam os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), demonstrando o tradicionalismo, para isso percorrem uma série de estudos sobre a cultura.

10 Na canção de Vitor Ramil, utiliza o anagrama Satolep para referenciar a cidade de Pelotas, como um apelido íntimo.

Figura 7 - Lambe-lambe em homenagem às mulheres.
Fonte: <https://www.instagram.com/usinafeminista/>



Em Satolep Fields [...]
Onde as ruas querem se perder
E as esquinas querem se encontrar [...] (RAMIL, 2017).

A cidade conhecida como Princesa do Sul teve seu desenvolvimento na indústria do charque, principalmente na década de 60 neste momento a cidade atinge uma crescente na economia e política, entretanto seu desenvolvimento pelas charqueadas carrega as manchas da escravidão, sendo que em seu auge mais da metade dos habitantes era formada por escravos. O trabalho escravo enriquecia os charqueadores, que impulsionavam o desenvolvimento da cidade e com o investimento ela se tornou um centro cosmopolita imprimindo nos viajantes seus traços de riqueza, luxo e cavalheirismo (MONTEIRO, 1998; VARGAS, 2017).

Neste mesmo contexto histórico que urge o título da “Cidade Gay” que até hoje é utilizado. Essa nomenclatura surgiu, pois, as famílias abastadas da cultura do charque enviavam seus filhos para Europa com a finalidade de completar seus estudos em locais conceituados. Quando eles retornavam para a cidade eram considerados “afeminados” na visão da cultura do frio, entretanto eles apenas tinham adotado os costumes e expressões europeias (MONTEIRO, 1998).

Um fato que corroborou para o título foi a frescura atribuída à cidade. O desenvolvimento econômico em diferentes setores impulsionou a valorização das artes e culturas, destacando a Arquitetura e Urbanismo, porque os habitantes buscavam os profissionais para a construção de suas residências. Deixando a cidade pomposa e diferente das demais onde grande parte da população morava em ranchos (MONTEIRO, 1998).

Este título não tem a premissa de acolhimento à diversidade, pois o próprio intuito parte do preconceito, utilizando a figura do homossexual como um adjetivo pejorativo diminuindo a cidade perante as demais onde prevalecia o gaúcho herói. A própria sociedade não era adepta a este título, um fato que tem destaque é uma ação individual que foi o pedido de um repórter da rádio. Ele propôs diferenciar, marcar os homossexuais assim como era realizado em outras épocas, foi proposto raspar o cabelo de homossexuais que estivessem em locais denominados familiares como as praças (MONTEIRO, 1998).



Figura 8 - Produção do Coletiva Sálvia . Fonte: <https://www.instagram.com/salviacoletiva/>

Essas manifestações de preconceito segregam os divergentes, confirmando o pensamento de Lefebvre (2005) sobre a regulação das cidades pela ordem distante que produzem a segregação se apoiando nos mecanismos de poder, neste caso baseado na falsa relação de superioridade do sujeito sobre o outro (MONTEIRO 1998, BUTLER, 2021). Esta relação ainda está ativa na cultura da cidade de Satolep reproduzindo a segregação de gênero e criando fronteiras entre o espaço do sujeito e o espaço do outro.

Representação desta delimitação de espaços são os grafites expressos nos banheiros da rodoviária da Cidade Gay (figura 6). Esta grafia não constitui uma relação dialógica entre o autor e o leitor, ele materializa um discurso de ódio e repulsa. Não sendo uma representação da cultura alternativa/ativista (CARMO, et al., 2014; CHAIA, MENDONÇA, 2020), pois essa expressão apenas consolida padrões hegemônicos e impulsiona o preconceito vigente.

Para além as violências de gênero se expandem ao âmbito físico, pensando na relação de poder imposta pelo binário o feminino é tido como pertencente ao masculino e esta relação de pertencimento imprime a falta de liberdade feminina de explorar a cidade. Portanto, constante é o medo de sofrer algum tipo de violência, na pesquisa de Morales (2019) aponta que os principais crimes cometidos contra as mulheres na cidade de Satolep, foram: lesão corporal, ameaças e o estupro. Além dos constantes casos de assédios sofridos disfarçados por “humor”, limitando a mulher ao seu espaço privado, ou, ao desafio diário de enfrentar o medo constante.

A dominância exercida nas relações urbanas interfere na construção social dos dissidentes de gênero, pois a cultura do frio travada em padrões antigos faz com que as minorias de gênero se tornem seres fechados criando uma armadura contra o preconceito. Entretanto, rompendo com esta armadura e buscando o calor do sol há expressão artística e cultural que se utiliza do alternativo/ativismo.

O calor artístico

Um novo dia vem nascendo
Um novo sol já vai raiar
Parece a vida, rompendo em luz



E que nos convida a amar [...] Espere a luz acontecer [...] (LOBO, MORAES, [s.d.]

A arte é como a luz capaz de romper barreiras entre o frio da cultura, entretanto diferente da canção Um novo dia (LOBO, MORAES, [s.d.]), ao invés de esperar a luz acontecer os movimentos abordados neste capítulo produzem luz através da arte. Se apropriando da cidade com intervenções artísticas e culturais visando o respeito pela diversidade de gênero e sexualidade.

O primeiro movimento é a Usina Feminina um grupo que preza pelos direitos e liberdades das mulheres. Atuando em manifestações de rua, na acolhida de mulheres e elaboração de projetos culturais. Tem sua sede no Bairro Dunas junto ao Comitê de Desenvolvimento Dunas (CDD) (USINA FEMINISTA, 2021).

Em uma campanha para o 8M¹¹ o grupo realizou a colagem de lambe-lambe no bairro Dunas. A arte abordava a manifestação contra as políticas de morte do estado e um manifesto contra o governo. Em outro momento os lambe-lambes homenageavam mulheres (figura 7) como a Mestra em Griô¹² Sirley Amaro e tantas outras mulheres que abriram caminhos para o movimento (USINA FEMINISTA, 2021).

Em outra ação colaborativa da 8M foi realizada a intervenção na Academia Pelotense de Letras, mas agora com a colaboração da Coletiva Sálvia, organizada por artistas mulheres tendo sua formação durante a pandemia. Elas têm como objetivo proporcionar encontros com trocas de saberes, além de confeccionar intervenções subversivas na cidade e ao corpo. Produzindo práticas artísticas e artesanais como o bordado, crochê, desenhos e escrita criativa, as produções fluem conforme o desejo das integrantes (REPÓRTER POPULAR, 2021).

Com o acúmulo de material produzido a coletiva decidiu expor suas produções pela cidade através das técnicas como lambe-lambe, lambes de bordado, pinturas e grafites, para a intervenção elaborada em conjunto com a 8M a coletiva produziu grafites

11 Frente feminista e antirracista e anticapitalista que reúne diversos coletivos. Localizada na cidade de Pelotas, RS.

12 O termo Griô é universalizante, ele foi extraído do Griot que engloba uma coletânea de tradições orais africanas. O mestre ou mestra em Griô é um sábio na tradição oral, conquistando seu título pelo reconhecimento na comunidade. Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/acao-grio-nacional/o-que-e-grio/>



(figura 8). Para divulgar autoras femininas latino-americanas, além de expor imagens de lutas e protestos contra a dominância masculina, além de convidar as mulheres a se organizarem independentemente da cor, raça, sexualidade e etnia (REPÓRTER POPULAR, 2021).

Tratando de intervenções culturais a Parada da Diversidade ou Avenida da Diversidade rompe barreiras dentro da cultura do frio. O evento nasceu no ano de 2002 com a iniciativa do Grupo TAMBÉM, Grupo Nuances, Vale a Vida e o Poder Público. Esta ligação com o Poder Público aconteceu de forma inusitada, pois os grupos não cogitavam a ligação com a Prefeitura, entretanto com a ligação com o Vale a Vida o vínculo aconteceu (CAVALHEIRO, 2004).

A data escolhida para a realização do ato foi pensada para transmitir o pertencimento e acolhimento o dia 28 de junho, conhecido como o Dia do Orgulho LGBTQIA + em memória às lutas no Stonewall Inn. Entretanto, ela foi adiada para que não houvesse colisão com outras paradas e o evento aconteceu no dia 14 de julho, ou seja, ficou na semana da comemoração do aniversário da Princesa do Sul. Esta coincidência fez com que a Parada pertencesse a cidade ainda mais. A Avenida da Diversidade, aconteceu durante três edições no mesmo dia aos domingos, na Avenida Bento Gonçalves (CAVALHEIRO, 2004).

No ano de 2021, a XX Parada da Diversidade (figura 9) aconteceu em conjunto com a V Semana da Diversidade, entre os dias 29 de novembro e 6 de dezembro com o tema Sobreviver. O evento aconteceu de forma híbrida em decorrência da pandemia de Covid19, foram abordados temas como HIV/Aids, intersexualidade, a história do movimento e contou com outros atrativos.

Além da Parada da Diversidade acontecem outros eventos ligados à comunidade LGBTQIA +, como a Semana da Visibilidade Lésbica que no ano de 2019 realizou a Sapatada Cultural (figura 10). Ele contou com apresentações artísticas, bancas expositivas da arte e cultura lésbica. No ano de 2021 o evento aconteceu de forma virtual em decorrência do distanciamento social, para mais foram distribuídos pela cidade lambe-lambes pela cidade (figura 9) com frases pedindo respeito, visibilidade, protesto e empoderamento.

Os movimentos artísticos expressos dentro da urbe têm como premissa alterar a hierarquia urbana (CARMO, et.al, 2014; CHAIA, 2007). Na cultura fria do Sul os movimentos estão conquistando espaço e de certo modo equilibrando a balança



do domínio urbano. Rompendo pequenos pedaços das grades da cidade, mas são significativos passos para a liberdade.

As grades sendo derrubadas
Um novo mundo exposto
Com a liberdade alcançada
Caminharei ao teu encontro
[...] E poderei contigo viver
Entre luzes, amigos e flores
Todas as tardes, todas as noites
Livre de antigos aprisionadores (CONTRAPONTO, 2021).

A representação dos movimentos artísticos teve seu alcance no Poder Público da cidade, fazendo com que ele apoiasse a Semana da Diversidade em conjunto com outras ONG e grupos, além de ações artísticas desenvolvidas na cidade. Como a pintura com as cores da bandeira LGBTQIA + da faixa de segurança de um dos principais cruzamentos (figura 11), a intervenção foi executada para o Dia Mundial do Orgulho LGBTQIA + (NUGEN, 2021).

Além, da faixa de segurança outra intervenção foi a pintura da passarela da estação férrea (figura 10) entre a praça Rio Branco e o Largo de Portugal. Foi realizada dentro da V Semana da Diversidade de 2021, porém a iniciativa para a realização das intervenções partiu do Grupo TAMBÉM (DIÁRIO POPULAR, 2021). Mesmo partindo de um pensamento externo ao Poder Público a ação é um avanço entre as relações de apoio aos dissidentes de gênero e sexualidade.

Essas produções dentro da cultura do frio estão provendo voz para aqueles que precisam como afirma Mendonça (2020). Há diferentes modos de comunicação através da arte proporcionando ligações de graus distintos dentro da urbe. Em Satolep esta realidade é presente produzindo alterações culturais no cotidiano, além de proporcionar voz, elas criam os vínculos de pertencimento fundamentais para a vida urbana.

Conclusão

O frio sobre o Sul do país tem diversos significados, não se limitando apenas a características meteorológicas que produzem paisagens exorbitantes. Além da tradição típica de estar sempre acompanhado de uma cuia de chimarrão, mas o frio no Rio Grande do Sul vai além, ele está ligado ao cerne dos gaúchos.

Entretanto, este mesmo frio que impregna a cultura contém uma dualidade, entre ser o orgulho de diferenciar o estado dos demais, ou, ser motivo de vergonha quando se encontra repetindo padrões culturalmente ultrapassados. Como o pedestal criado em torno do herói gaúcho colocando a figura masculina como sujeito e rebaixando os demais gêneros.

Em uma viagem em direção ao Sul se encontra a sua Princesa, a cidade que através de intervenções artísticas e culturais está aos poucos sendo banhadas pelos raios de luz. Produzindo calor dentro da cultura do frio, os exemplos de arte ativista/alternativa movimento das conexões imediatas, tais produções estão rompendo os limites sociais dentro do espaço urbano.

Os movimentos de minoria em Satolep estão ganhando uma voz potente, através da arte e cultura ampliando as discussões de gênero dentro da cidade. O produto resultante de tais ações são a apropriação da cidade e a criação de vínculos de pertencimento. Sendo eles importantes para a comunidade, pois são parte da composição da personalidade da pessoa, sendo ela composta pela vida em sociedade e o pertencimento ao local.

Mesmo em dimensões de média escala as conquistas são importantes para cada pessoa, pois quanto mais os dissidentes ocuparem Satolep maior a sensação de segurança. Para além, os vínculos criados com o Poder Público abrem debates sobre a implementação de medidas para a apropriação da urb e o resultado desta ação é uma cidade aberta à diversidade de gênero. No futuro talvez a Princesa mostre com orgulho o título da Cidade Gay, ou melhor, a Cidade da Diversidade.

Através das representações culturais, artísticas e implantação de políticas públicas que visem garantir o direito destes grupos. Quando os padrões sociais dominantes dentro do gaúcho herói ruírem, a cultura se modificará causando um produto diferente capaz de representar todas as pessoas do Sul. Perpetuando o seu legado entre as gerações, portanto o calor artístico das minorias contribui para a ruptura do frio na cultura.

Referências

APOLGBT. Parada. [s.d]. Disponível em: <https://paradasp.wordpress.com/parada/>. Acesso em: 05 fev. 2022.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Editions Gallimard, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia de Letras, 1990.

CAVALHEIRO, Gláucia Lafuente. Pelota, Cidade de Gay: um estudo sobre os usos políticos de uma representação. *Periódicos UFPEL*, Pelotas, v.1, n.2, p.1-35, 2004.

CHAIA, Miguel. Artivismo: Política e arte hoje. *Revista Aurora*, São Paulo, 2007.

CONTRAPONTO. Livre. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FaPEI7iUt7M>. Acesso em: 05 jan de 2022.

COPPIETERS, Luiza; VIANNA, Rodolfo. Acidade hostil ao afeto LGBT. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (ORG). *Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual*. São Paulo: IBDU, 2017. Cap. 6, p. 54-60.

DIÁRIO POPULAR. Escadaria de passarela ganha cores da diversidade em Pelotas. Online. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/geral/escadaria-de-passelela-ganha-cores-da-diversidade-em-pelotas-166768/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

GIOVANNI, Julia Ruiz. Artes de abrir espaço: apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre a arte e ativismo. *Cadernos de Arte e Antropologia*. v.4, n.2, p. 13 – 27, 2015.

LANZA, Elena Cogato; PATTARONI, Luca; PIRAUD, Mischa; TIRONE, Barbara. *Le Quartier des grottes/ Genève: De la différence urbaine*. Metispresses, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2005.

MACEDO, Vita Pereira da Silva. Cidade violenta: Performance e intervenções TRANSurbanas. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (ORG). *Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual*. São Paulo: IBDU, 2017. Cap. 8, p. 65-78.

MARIN, Juliana Fabbron Marin; CORREIA, Kevin Campo; ALVES, Natália Cristina B; NERES, Raiumundo Nonato B; SILVA, Wellington; COLETIVO PRISMA. Análise da inserção das pessoas transgêneras, travestis, mulheres transexuais e homens trans na cidade e o desafio na garantia dos seus direitos. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (ORG). *Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual*. São Paulo: IBDU, 2017. Cap. 2, p. 18-25.

MARTINS, Antônio. Graffiti: arte de rua, poesia e protesto. Sul 21. Online. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias-em-geral/2014/01/graffiti-arte-de-rua-poesia-e-protesto/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

MENDONÇA, Viviane Melo. Grafites que (contra)dizem: gêneros e sexualidades na polifonia da cena urbana. *Psicologia e Sociedade*, São Paulo, v.32, p. 1-18.

MONTEIRO, Gláucia Lafuente. O folclore gay de Pelotas: sobre uma representação que se atualiza na história da cidade. *História em Revista*, Pelotas, v. 4, p. 139-160.

MORAIS, Vinicius; LOBO, Edú. Um novo dia. Online. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86932/>. Acesso em: 9 jan. 2022.

MORALES, Christine Moreira. *Violência contra a mulher: incidência e proteção no município de Pelotas*. 2019. Dissertação (Mestrado em Política Social e Direitos Humanos) – Curso de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos, Universidade Católica de Pelotas.

MOREIRA, Felipe. Cidade e homofobia: um breve relato. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (ORG). *Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual*. São Paulo: IBDU, 2017. Cap. 10, p. 84-92.

NUGEN. Prefeitura de Pelotas pinta faixa de pedestre com bandeira do arco-iris em comemoração ao Dia Mundial do Orgulho LGBTQIA+; Online. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nugen/2021/06/30/prefeitura-de-pelotas-pinta-faixa-de-pedestres-com-bandeira-do-arco-iris-em-comemoracao-ao-dia-mundial-do-orgulho-lgbtqia/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

OLIVEIRA, Julia Glaciela da Silva. Artivismo urbano: as novas figurações políticas dos femininos latino-americanos. *Domínios da Imagem*, Londrina, v.9, n.17, p. 196-217, 2015.

RAMIL, Vitor. *A estética do frio: conferência de Genebra*. Pelotas: Satolep Livros, 2009.

RAMIL, Vitor. Satolep Fields Forever.2017. Online. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/pt-br>. Acesso em: 7 jan. 2021.

REPORTER POPULAR. Coletiva Sálvia realiza intervenções artísticas e chama mulheres diversas à luta. Online. Disponível em: <http://reporterpopular.com.br/coletiva-salvia-realiza-intervencoes-artisticas-e-chama-mulheres-diversas-a-luta/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

RODRIGUES, Fabrizio de Souza. Quando me desloco eu costuro a cidade: Pelotas pespontada sob a poética de um artista visual e figurinista. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Curso de Pós- Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasilense, 1995.

RUIZ, Jéssica. A libertação sexual de mulheres que amam mulheres: um ensaio sobre o direito feminino à cidade. In: CERQUIERA, Jéssica Tavares; KOETZ, Vanessa; FROTA, Henrique Botelho (ORG). *Direito à Cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva e sexual*. São Paulo: IBDU, 2017. Cap. 3, p. 25-34.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.25, n.1, p37-78, 2009.

SIMON, Adriano L; TRETIN, Gracieli; CUNHA, Cenira M.L. Avaliação da dinâmica do uso da terra na bacia do arroio Santa Bárbara- Pelotas (Brasil), no período de 1953 a 2006. *Scripta Nova*, Barcelona, v.14, n. 327, 2010.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulos, 2005.

USINA FEMINISTA. *Usineiras*. Pelotas, 2021.

VARGAS, Jonas Moreira. As mãos e os pés do charqueador: o processo de fabricação

do charque e um perfil dos trabalhadores escravos nas charqueadas de pelotas, rio grande do sul. SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA, vol. 36. João Pessoa: jan./jun. 2017.

ZALLA, Jocelito; NECCHI, Vitor. A necessidade da desconstrução do machismo no universo gaúcho: Entrevista especial com Jocelito Zalla. Instituto humanista Unisinos, 20 set. 2016. Online. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/560186-a-necessidade-da-desconstrucao-do-machismo-no-universo-regional-entrevista-especial-com-jocelito-zalla>. Acesso em: 7 jan.